

A IDENTIDADE MÍTICA DE ROMA

Prof. Dr. Amós Coelho da Silva (UERJ)

RESUMO: A preocupação humana com o tempo. O mito como revelação. A linguagem simbólica do homem. A identidade como tema épico. O mito grego e o latino. Quanto aos contatos históricos, o que se preservou do estoque mítico indo-europeu na civilização romana. O caldeamento social com os etruscos e os gregos e a formação da religião romana.

Palavras-chave: mito; religião; Roma.

1. Introdução

Há na natureza do Homem, de modo notável, uma preocupação com o futuro. *Apud* Cassirer, para William Stern: *A referência ao futuro é apreendida pela consciência mais depressa do que a referência ao passado.* E é Cassirer que afirma: “Vivemos muito mais de nossas dúvidas e temores, ansiedades e esperanças ligadas ao futuro, do que de nossas recordações ou de nossas experiências presentes.” (p. 92)

Entretanto, como a memória necessita criar um mecanismo de identificação e reconhecimento, nós fundamos toda uma rede de simbolismo que estimula a imaginação por cruzamento de analogias e diferenças. Assim, Ernst Cassirer (p.86) estuda a noção de tempo e lugar que se fundem numa experiência única para o Homem: *No dizer de Kant, o espaço é a forma de nossa “experiência exterior”, o tempo é de nossa “experiência interior”.* Cassirer reforça sua argumentação com Heráclito nesta sua reflexão: *O que disse Heráclito vale para toda a vida orgânica: “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio”.* (Idem, *ibidem*: 87)

No encaixe do pensamento do Prof. Junito, quando diz *O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações.* (1986: 36, Volume I) Associemos a este passo o que diz Cassirer (p.92):

No mito encontramos as primeiras tentativas para descobrir a ordem cronológica das coisas e dos acontecimentos, para apresentar uma cosmologia e uma genealogia dos deuses e dos homens, mas estas não significam uma distinção histórica em sentido próprio. O passado, o presente e o futuro ainda estão ligados entre si; forma uma unidade não diferenciada e um todo não discriminado. O tempo mítico não tem estrutura definida; ainda é um ‘tempo eterno’. Do ponto de vista da consciência mítica, o passado nunca passou; está sempre aqui e agora.

Quando o homem principia a desenredar a teia complexa da imaginação mítica, sente-se transportado para um novo mundo; começa a formar um novo conceito da verdade. (p.272)

De modo que, pelo que se disse acima sobre o tempo e o lugar e em relação ao mito, podemos compreender por que Sigmund Freud (1856 – 1939) e Carl Gustav Jung (1875 – 1961) criaram duas linhas de psicanálise, pautadas na anamnese, ou seja, na reminiscência ou recordação. Foi a partir do “tempo mítico”.

Citemos a propósito *A Linguagem Esquecida* de Erich Fromm (p.15-16):

Evidentemente, povos diferentes criam mitos diferentes, tal como diferentes pessoas têm sonhos diferentes. Porém, a despeito dessas diferenças, todos os mitos e todos os sonhos têm uma coisa em comum: são escritos na mesma língua, ‘a linguagem simbólica’.

Os mitos dos babilônios, indianos, egípcios, hebreus e gregos são redigidos na mesma língua que os dos achantes ou dos xavantes. Os sonhos de uma pessoa vivendo hoje em dia em Nova York ou Paris são os mesmos registrados por pessoas que viveram há mil anos em Atenas ou em Jerusalém. Os sonhos do homem antigo e do moderno estão escritos na mesma língua que os mitos cujos autores viveram na aurora da história.

Não lemos uma epopeia *como um gênero profundamente envelhecido*. (BAHKTIN, 1988: 397), mas como um retorno às nossas raízes, uma busca à história do nosso desenvolvimento... Compreendemos as palavras de Bahktin pelo que ele discorre mais adiante, quando diz que o épico é “*o passado absoluto*”, *segundo a terminologia de Goethe e de Schiller, serve como objeto da epopeia...* E mais adiante: *O mundo da epopeia é o passado heróico nacional, é o mundo das “origens” e dos “fastígios” da história nacional, o mundo dos pais e ancestrais, o mundo dos “primeiros” e dos “melhores”*. (p.405) Interpretamos isso também como monológico, no sentido de hierarquizado, idealizado e com caráter oficial. Porém, há no ser humano uma busca por constante identidade em interação social.

A perspectiva futura da criação poética em Roma nos parece essa busca de identidade. Salientamos que o latim perdera certas características indo-europeias, as quais só puderam ser resgatadas fragmentariamente em contato com a Grécia, um parente linguístico bastante próximo. Tal perda, do ponto de vista de alguns elementos linguísticos, será resgatada ainda do grego. Lucrécio é um colaborador linguístico da formação da linguagem literária latina, assim como Lívio Andronico tornou-se pedagogo (240 a.C.) e tornou-se marco inicial do Helenização; Névio (265 -199 a.C.) que se distinguiu de Lívio Andronico, porque deixou de ser simples tradutor do grego e tornou adaptados os gêneros gregos ao gosto do público: *faire servir les genres de la*

Grèce à l'expression d'une pensée romaine. (HUMBERT, 1932: 22) Ênio (239-169 a.C.), este foi o introdutor do hexâmetro datílico.

Ora, Lucrécio, como elo dessa corrente, notou que havia uma *rerum nouitatem*, novidade de assunto (*De rerum natura*, I, 139), entre os gregos, exigindo uma criação de neologismos para que se pudesse dar desempenho ao idioma do Lácio, superando a *egestatem linguae* (idem), a pobreza da língua (latina); por isso, no seu esforço de expressão clara, recriou um novo item de processo de formação vocabular, compondo em latim uma nova forma, que contém numa única palavra uma estrutura frasal, como era comum entre os gregos, como nestes três exemplos do livro I: *squamigerum* (v.162) (squamirger = squama + ger- – o que leva escama sobre si); *siluifragis* (v.275) (siluifragus = silua + frag-, o que quebra as árvores das florestas); *montiuagus* (v.403) (mons + vagus – o que percorre as montanhas); frugiferentis (v. 3, frux, + fer-, produto de legumes) etc. Por analogia, surgirá, p.ex., naufragium (nau + fragus – quebrada), como forma vernácula, ou seja, sem ser estrangeirismo.

As migrações dos indo-europeus que se deram para o ocidente, sul da Europa, foram realizadas pelo grupo celta, se fixaram na região do Lácio, na Itália: **oscós, úmbrios e latinos**. Uma outra migração em direção ao ocidente que nos interessa foi a dos gregos: **jônios, aqueus, eólios e dórios**, que tomaram o Peloponeso e ilhas como seus lares.

Os gregos sobrepujaram intelectualmente o seu feroz vencedor: Roma. Introduziram no Lácio as artes: literatura, teatro, filosofia, pintura, arquitetura, mitologia etc., como afirmou Horácio com muita propriedade: *Graecia capta ferum victorem cepit et artes / Intulit agresti Latio.* (*Epist. II, 1, 145*) *A Grécia capturada superou o seu feroz vencedor e introduziu no rude Lácio as artes.*

2. Os gregos e etruscos

O nome Evandro, que se fixa na cultura romana, é uma providência de Vergílio. Compõe-se dos elementos gregos, como o prefixo ‘eû’, “bom, bem”, e do radical ‘-andros’, ‘homem, herói’, denotando “o excelente varão ou herói”. A lenda registra que Evandro abandonara sua pátria e, antes da guerra de Troia, se instalara na Itália, onde introduzira a agricultura e o uso das letras (SPALDING, 1972: EVANDRO) e ofereceu hospitalidade a Hércules e socorreu Eneias contra seus novos inimigos, os rútilos chefiados por Turno, na Itália. No VIII canto, ele é um elo com a Grécia, ou melhor, um

introdutor de elementos míticos da Arcádia na Itália vergiliana. Mais propriamente, uma analogia semelhante à de Eneias, que trouxe os Penates troianos, *fato profugus, afugentado pelo destino*. (En. I, 2) No verso 51, do canto VIII, temos: *Arcades his oris, genus a Pallante profectum, / Qui regem Euandrum comites (...), A raça descendente de Palante, os árcades vindo de seus litorais (pátria), os quais (seguiram) como companheiros Evandro...* A Arcádia era uma região fértil em mitos, a mesma que há de sugerir o período literário denominado Arcadismo. Estava, portanto, criado mais um elo entre a Grécia e Roma. Palante, *um herói “romano”, um dos múltiplos epônimos do Palatino*. (BRANDÃO, 1993: 237) Talvez *uma variante de Vergílio* (Idem, ibidem) seja o nome Palas para este mesmo herói.

Como deuses da despensa, os *Penates* – de “*penus, -oris* ou *-i* ou de *penum, -i*, ou ainda *penus, -us*”: “comestíveis, despensa”, lendariamente trazidos por Eneias, os guardiões das provisões no interior de um lar: *A pouco e pouco, no entanto, confundiram-se as duas categorias* (Idem: PENATES), ou seja, os Lares, de origem etrusca, divindades protetoras do recinto doméstico cujas imagens ficavam num nicho ou *lararium* e os Penates.

Ora, a estrutura religiosa dos romanos tem por base os indo-europeus: oscos, úmbrios e latinos, com a prevalência dos latinos. Eles se miscigenaram com os habitantes existentes. Inicialmente, se submeteram aos etruscos e em seguida os dominaram, mas, como sempre o fizeram os latinos, admitiram uma franca influência etrusca na sua cultura. Assimilaram para a romana engenharia na História de Roma o emprego do arco arredondado dos etruscos em aquedutos e construções múltiplas, em estilo ainda rude, ou seja, sem a elegância helênica, conforme relata Florence Braustein e Jean-François Pépin (1997: 134): *L’architecture du début de l’histoire romaine est massive et puissante, elle n’a pas encore l’élégance que l’imitation de la Grèce lui donnera*.

De início, em Roma, houve o culto dos *numina* (no singular *numen*) que, como os estudiosos citados acima observam, são *forces, génies, esprits sans forme réelle qui parcourent l’univers. Le “numen” est une puissance impersonnelle attachée à um objet ou um acte*. (Idem: 142) É no auge da República, mais ou menos a partir da chegada de Lívio Andronico, marco inicial da instalação do Helenização, é que se dá a assimilação dos deuses gregos e adoção de deuses itálicos e orientais: *Les culte des héros grecs se repand, ainsi celui de castor et Pollux, d’Hercule*. (Idem: 142).

Apoiado nas considerações de Tassilo Orpheu Spalding (1972: 11), precisaremos denominar Religião Romana, e não Mitologia Romana. A Mitologia Latina compreende tradições míticas identitárias, e é, portanto, a evolução de um estoque cultural indo-europeu, que difere da cultura religiosa romana, a qual se constituiu de um caldeamento dos seus principais subjugados: os etruscos e helenos. É destes que se herda uma estruturação religiosa romana, dado o seu comportamento de excelente discípulo: domina militarmente, mas assimila a cultura daquele que submeteu:

Os latinos, na realidade, salvaguardaram sua personalidade ao longo de múltiplas peregrinações no seio de populações alógenas, passando, como se verá, pela experiência etrusca, pela esmagadora influência cultural grega e pela mística oriental. (BRANDÃO, 1993: 7)

2.1 – A questão dos nomes divinos

A assimilação dos deuses gregos em Roma se efetuou ao longo de um percurso. Citemos que, às vezes, a fixação de um deus grego, como Apolo, que nem ao menos se relacionava com uma divindade latina e foi assimilado através dos etruscos. *O latim “Apollo, -inis” é um empréstimo antigo ao grego Ἀπόλλων (Apóllon), certamente através do etrusco “Aplu, Apulu” (Idem: 32)* Ao contrário, dos gregos, cuja soberania federativa dos Estados era legislada por Apolo, o exegeta nacional, na expressão platônica, como traço de união, o mundo romano foi construído pelas armas: *Vencia pelas armas, mas era, não raro, vencido pela civilização dos derrotados. (Idem: 32)* *Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus, o imperador Augusto, reverenciou Apolo como patrono do seu império, já que existiam raízes apolíneas desde o rei Príamo, de Troia. E, em termos literários, Carmen Saeculare, Canto Secular, de Horácio, é uma inspiração apolínea de Augusto:*

*Phoebe siluarumque potens Diana,
Lucidum caeli decus, o colendi
Semper et culti, date quae precamur
Tempore sacro.
Febo, e tu, senhora das floresta, Diana,
orgulho luminoso do céu, vós sempre adoráveis
E sempre adorados, concedei-nos o que deprecamos
Na data sagrada. (1 -4)*

Ele não encontra correspondência de nome no mundo latino, como se dá com Zeus, cujas características foram assimiladas pela divindade de nome Júpiter, assim

como Eros está para Cupido. Dioniso se fixou com o nome Baco e Baco não é um nome latino, com igual situação à de Apolo. Mas há um nome latino que é Liber no sincretismo greco-latino.

Uma descrição romana pode ser apontada no imaginário das representações antropomórficas do mito grego. Assim, o epíteto de *Stator* assegura uma ação pragmática para Júpiter: “o que detém, que faz parar”, conforme Juno *in* (1993: JÚPITER):

A alcunha honrosa explica-se por um mito de feição histórica: durante a luta entre os romanos e sabinos por causa do rapto das esposas desses últimos, o adversários levavam vantagem sobre os romanos e perseguiam-nos através do Fórum. Rômulo ele viu suas armas para o céu e prometeu um templo ao deus no local em que estava, se ele contivesse os inimigos. De imediato, os sabinos recuaram e o fundador de Roma cumpriu a promessa, erguendo-lhe um templo nos sopés do Palatino.

É assim mesmo que será invocado por Cícero nas *Catilinárias: Magna diis immotalibus habenda est atque huic ipsi Iovi Statori, antiquíssimo custodi huius urbis, gratia, quod hanc tam taetram, tam horribilem, tamque infestam, reipublicae pestem totiens iam effugimus.* (I, 11) Grande agradecimento deve ser feito aos deuses imortais e a este mesmo Júpiter Que faz ficar Parado, antiquíssimo guarda desta cidade, porque escapamos já tantas vezes a esta calamidade tão tétrica, tão horrível, e tão perigosa para a república.

Para o Prof. Juno:

A mentalidade romana, entretanto, se nos apresenta antiantropomórfica, antimítica e ametafísica. É bem possível que os itálicos, inconscientemente, vissem na antropomorfização uma atitude narcísica, pois nada é mais grato ao homem do que sua própria imagem. A antropomorfização e a mitização tardias, quando Roma foi tomada culturalmente de assalto pela Hélade, foram, na realidade, artificiais, sem muito interesse religioso. (p. 11)

Prevalece em Roma o animismo indo-europeu, ou seja, um estágio religioso que identifica nos objetos da natureza uma ação e reação intencionais. O animismo dos antigos romanos é atribuir um lugar divino ao fato da seiva ser produzida pela fermentação nas entranhas da terra, subir pelo caule e se tornar um fruto como é o caso da ação divina do deus *Sterquilinus*, que preside ao esterco (SPALDING, 1972: STERQUILINUS). Um dos epítetos de *Pilumno* era: *Stercutius, Estercúcio, palavra derivada de “stercus”, esterco, era tido como inventor do estrumo para fertilizar a terra, o que era atribuído igualmente a Picumno.* (BRANDÃO, 1993: PILUMNO)

Um santuário de Juno tinha *um culto na Arx, isto é, na Cidadela, baluarte no Capitólio*. Aí era cultuada como Juno Moneta, porque salvara Roma da invasão gaulesa em 390 a.C. ... *as gansas sagradas, criadas no santuário de Juno, foram despertadas e puseram-se a gritar*. (GRIMAL, 2011: 46) Do alarme delas despertou o cuidado do comandante Mânlio Capitolino que rechaçou os gauleses invasores. Pelo fato de ser neste templo um local de cunhar moedas, passamos a ter em português: moneta > moeda (BRANDÃO, 1972: 188). Mas o epíteto de Juno provém *de monere*, “*chamar a atenção, adverti, fazer lembrar*”. A deusa preside às finanças (SPALDING, 1972: 78), mas outrora era esta divindade que os advertia. É que *toda religião romana prende-se à existência da cidade* (Idem: 17), cujo recinto fora traçado por Rômulo que a denominou sob a égide do deus Término ou Termo, que *presidia aos limites dos campos...* (Idem: 139), uma divindade punidora das usurpações territoriais. Remo, irmão gêmeo de Rômulo, pôs em dúvida o seu valor sagrado quando atravessou a linha traçada por Rômulo que, por essa razão, o matou.

Sob o governo do Imperador Augusto, se restaura as ações dos sacerdotes. Ele próprio é um “augur”, que significa “aquele faz o progresso”; deste tema vem o seu nome, decretado pelo Senado. A instituição do “augúrio” remonta ao rei Numa Pompílio ou ao primeiro rei, Rômulo. A raiz indo-europeia é **weg-* e denota força, trabalho, obra – em inglês *work*, alemão *Werk*.

No entanto, se a peça helênica *Édipo rei* se tornou uma pedra angular na Psicanálise moderna, foi a passagem poética latina de Ovídio, *Narciso* (em hexâmetro datílico, do verso 340 a 510) que se tornou efetiva para a descoberta do *Narcisismo* por Freud, e não a versão que escreveu o geógrafo grego Pausânias (II a.C.). Quantas foram as telas de pinturas que se inspiram na profecia de Tirésias? A resposta oracular deste, nos hexâmetros ovidianos, à ansiosa mãe Liríope do belo Narciso, profetizou o que ocorreria com ele diante do espelho da água: “*Si se non nouerit / uiderit* (cf. aparato crítico o manuscrito “A” registra *uiderit*), se ele não se conhecer / vir”, viverá uma longa vida.

4 - Referências bibliográficas:

- BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. Tr. Mário Laranjeiro. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 v.
- . *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1992. Vols. I e II.
- . *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BRAUSTEIN, F. e PÉPIN, Jean-François. *L'Héritage de la Pensée Grecque et Latine*. Paris : Armand Colin, 1997.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionários de Símbolos*. Trad. Vera Silva et alii. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- FROMM, Erich. *A Linguagem Esquecida: uma Introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1951.
- HUMBERT, Jules. *Histoire Illustrée de la Littérature Latine*. Paris : Didier : 1932.
- OVÍDIO. *Les Metamorphoses*. Tome I (I – IV). Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris : Les Belles Lettres, 1961.
- RÓNAI, Paulo. *Não Perca o seu Latim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário da Mitologia Latina*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- VIRGÍLE. *L'Énéide. Nouvelle édition, revue et augmentée avec introduction, notes, appendices et index par Maurice Rat*. Paris: Gernier, 1947.